

“Um Encontro com Jesus”



Nos dias 29 a 31 de março, de Sexta-feira Santa a Domingo de Páscoa acontece, na UNISINOS, o evento "*Um Encontro com Jesus*". Organizado pela Comunidade Missionária de Cristo Ressuscitado em parceria com o IHU, o encontro pretende reunir 200 estudantes. O *Encontro com Jesus* é um evento que ao mesmo tempo acontece em diversos países de América Latina e Europa. É um espaço onde estudantes universitários refletem sobre o sentido de sua vida e profissão no meio de um tempo de grandes urgências.

Nesse contexto redescobrem a fé e o caminho que Jesus, em sua morte e ressurreição, convida a percorrer. As celebrações de cada dia serão abertas ao público em geral. No Sábado Santo, a Vigília Pascal, às 21h, será presidida pelo Pe. Marcelo Fernandes de Aquino, Vice-reitor da UNISINOS e no Domingo de Páscoa, a celebração da Ressurreição, às 17h será presidida pelo Pe. Attílio Hartmann.

Retomada das Atividades

Hoje, 25 de março haverá reunião do Programa de Desenvolvimento Regional para retomada das atividades, apresentação de novos parceiros (FEEVALE e UNILASALLE) e divulgação do programa de trabalho para 2002 no qual constam seminários, estudos e pesquisas com entidades de base. São parceiros do projeto o Sindicato dos Sapateiros de Sapiranga, CAMP, CECA, UNISINOS, CÁRITAS, COL e ASPA.

No IHU, o Programa de Desenvolvimento está integrado no Setor 1 e é coordenado pelo Prof. Dr. José Luiz Bica de Mélo. "Estou muito contente por participar neste programa. Será um desafio para mim envolver a universidade e contribuir na consolidação da rede. Tenho consciência de que a UNISINOS é um dos parceiros", afirma o professor Bica.

Publicação

Foi lançado o n.º 18 dos Cadernos CEDOPE da série Movimentos Sociais e Cultura sob o título *Vale dos Sinos: Resgate histórico e visão popular do desenvolvimento*. O Caderno apresenta um primeiro resultado da análise de uma pesquisa-ação sob o título As políticas de desenvolvimento da região do Vale do Sinos: análise e perspectivas.

Integrada no Programa de Desenvolvimento Regional, a publicação aborda a reação de diferentes organizações e Movimentos Sociais Populares da região do vale do Rio Sinos diante da crise do complexo coureiro calçadista na segunda metade dos anos 90 e da crise do papel destas organizações e movimentos sociais na atualidade. Pode ser descrita como sendo uma apresentação de um método e narração de uma experiência que busca novas formas de práticas de educação popular e uma forma de fomentar integração, intercâmbio e articulação entre iniciativas populares. Foi realizada pelos professores José Renato Soethe, Roseli Pereira Dias, Edenilson Bonfim, Alda Beatriz Fortes, Ana Mercedes Sarria Icazza, Alcido Arnhold, Diego Monteblanco e Janine Constance Maiboroda. Pode ser adquirido na Livraria da Editora Unisinos. editora@luna.unisinos.br

Projeto Ações de Apoio à Gestão

Durante os meses de novembro e dezembro de 2001, o programa UNITRABALHO, que integra o Setor 2 do IHU colaborou na avaliação de cursos que fazem parte do Projeto Qualificar/RS com orientações do Plano Nacional de Formação

(PLANFOR) do Governo Federal. O governo de Estado, através da Secretaria de Trabalho, Cidadania e Assistência Social (STCAS), contratou a Rede Interuniversitária UNITRABALHO para fazer a supervisão do projeto de qualificação de trabalhadores que ofereceu 4 mil cursos/40h, em todo Estado. As executoras são entidades, universidades, ONGs que recebem recursos para ministrar os cursos.

400 cursos foram selecionados e alunos e professores responderam a um questionário. A EMATER foi a entidade que mais e com melhores condições ministrou os cursos. 10 universidades gaúchas têm núcleos de UNITRABALHO e, em média trabalharam com 40 projetos. A UNISINOS encarregou-se de 34, nas regiões do Vale do Rio dos Sinos e Litoral. O professor Dárnis Corbellini coordenou este trabalho com a participação da bolsista Gilda Prass, do curso de Letras. O objetivo deste empreendimento visa verificar como estão sendo realizados os cursos e de que forma está sendo aproveitado o investimento do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), que financia o Qualificar RS. Os relatórios estão à disposição no Programa UNITRABALHO, no Instituto Humanitas Unisinos.

Simpósio Nacional

Bem Comum e Solidariedade

Por uma ética na economia e na política do Brasil

Na edição anterior do IHU On-Line, foram apresentados os temas das conferências e alguns dos conferencistas que participarão no *Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade*, de 25 a 27 de junho de 2002, na UNISINOS. Confira agora os assuntos e ministrantes das oficinas do primeiro dia do Simpósio.

Dia 25 de junho - terça-feira - 14h às 16h30min:

- 1) A inserção do Brasil no contexto internacional e latino-americano no início do século XXI. Limites e possibilidades.
Ministrante: Prof. Esp. Udo Ingo Kunert - UNISINOS
- 2) As Semanas Sociais Brasileiras e a busca de um projeto para o Brasil.
Ministrante: Prof. Ms. Thierry Linard de Guertechin - CIAS/IBRADES
- 3) O papel da universidade na construção de um projeto para o Brasil.
Ministrante: Prof^a. Dr.^a Ione Maria Ghislene Bentz - UNISINOS

O Prof. Esp. Udo Ingo Kunert graduou-se em História pela UNISINOS, é especialista em História da Cultura Brasileira pela PUC/RS. Dedicou-se à pesquisa da imigração alemã no RS e, ultimamente, estuda as minorias étnicas da Ásia Central. Trabalha também no Colégio Sinodal, em São Leopoldo e nas Faculdades de Taquara.

O Prof. Ms. Thierry Linard de Guertechin é jesuíta, nascido na Bélgica, residente permanente no Brasil desde 1975. Sua formação básica é nas áreas de Filosofia e Teologia, com mestrado em Demografia, pela Universidade

Católica de Louvain e em Geografia na Universidade de Liège, Bélgica. Professor na PUC/RJ desde 1976 a 1996, no Departamento de Sociologia e Ciências Políticas. Foi Diretor Regional da Fundação Fé e Alegria (1990-1997) e assistente espiritual da Ação Social Padre Anchieta (ASPA), na favela da Rocinha (Rio de Janeiro-RJ). Atualmente exerce atividades de Assessoria ao Setor Pastoral Social da CNBB. Como Pesquisador e Professor no Centro de Investigação e Ação Social e IBRADES desde 1980, assumiu como Diretor do CIAS/IBRADES (Centro de Investigação e Ação Social / Instituto Brasileiro de Desenvolvimento) em outubro de 2000.

A Prof^ª. Dr.^ª Ione Maria Ghislenne Bentz é Diretora do Centro de Ciências da Comunicação na UNISINOS. A professora Ione é graduada em Letras Português/Inglês pela Fundação Universidade de Bagé, Especialista em Literatura Portuguesa pela Fundação Calouste Gulbenkian, Calouste, Portugal. Mestre em Lingüística e Letras pela PUCRS, Doutora em Lingüística pela Universidade de São Paulo – USP e Pós-Doutora pela Université de Paris IV.

Acompanhe, nas próximas edições do IHU On-Line, mais novidades sobre as oficinas do Simpósio.

Livros & Artigos

LIVRO DA SEMANA

LE PRINCIPE D'HUMANITÉ

GUILLEBAUD, Jean-Claude. *Le principe d'humanité*. Paris: Seuil, 2001. Jean-Claude Guillebaud é conhecido do público brasileiro pela tradução do livro *A Tirania do Prazer*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999. *La Refondation du Monde*. Paris: Seuil, 1999 é outro livro importante do autor, mas que não foi traduzido para o português. *Le principe d'humanité* tem tido muita repercussão. Em agosto de 2001, o *Le Monde Diplomatique* publicou, em página inteira, um extrato do primeiro capítulo do livro, sob o título *O ser humano está em vias de desaparecer?* A tradução portuguesa dessa página pode ser encontrada no boletim CEPAT Informa n.º 76, agosto de 2001, p. 5-9.

A seguir, publicamos a resenha do livro, cuja autora é Dominique Charpentier, que acaba de sair na revista *Alternatives Économiques*, n.º 201, março de 2002, p. 73.

“Economia, informática, genética: três revoluções que embaralham as nossas cartas e as nossas referências, nos diz Jean-Claude Guillebaud, e que nos fazem balançar entre o mercado e o cientismo. Você é cético? Então se lance sobre este livro marcante, não somente porque ele é muito bem escrito e porque a gente o lê sem muito esforço, mas, sobretudo, porque ele ilumina bem os debates que, para os não-especialistas, nem sempre são compreensíveis. Por exemplo, o debate sobre a ecologia profunda e o eugenismo: uns fazem do homem um animal entre outros, outros militam pela eliminação dos menos favorecidos. Nos dois casos, é o princípio de humanidade que está em causa. Do mesmo modo, os cognitivistas (a consciência é um processo que se pode reconstituir) defendem a idéia de que o homem é uma máquina, como se a inteligência poderia ser desconectada da questão do sentido.

Vender ou patentear o ser vivo é uma outra questão que diz respeito ao princípio de humanidade, já que, desta vez, é o econômico que caracteriza o humano. Tanto a dominação da ciência quanto a da economia é inaceitável, afirma Guillebaud.

É contra esses dois imperialismos que é preciso, hoje, combater. Não para fazer triunfar os seus contrários, mas para os colocar nos seus lugares precisos: são os seres humanos que fazem a ciência e a economia, e não os economistas ou os cientistas que fazem os seres humanos. Um livro inteligente e humanista que postula, finalmente, a democracia contra a dominação dos *experts* ou do dinheiro”.

Pela importância do livro, especialmente para os/as professores/as do Humanismo Social Cristão, transcrevemos a entrevista de Jean-Claude Guillebaud, publicada na revista *Construire*, n.º 36/2001. O texto foi traduzido e publicado pelo boletim CEPAT Informa n.º 80, janeiro de 2002, p. 73-78. Os subtítulos são da tradução brasileira.

O perigo do absolutismo da ciência

Construire - Galileu, Darwin, Freud, estas três revoluções recolocaram o homem em seu lugar. Mas, hoje, se tem literalmente a idéia de que o homem está desaparecendo?

Guillebaud - É verdade que entramos no século XXI, após uma imensa derrota das ideologias políticas: o século XX foi marcado por desastres. As grandes ideologias que desejaram mudar a sociedade falharam ou resultaram em massacres. Hoje temos a tendência de colocar nossas esperanças nas ciências, considerando que a política não é mais capaz de melhorar a sociedade, e que a ciência o conseguirá.

Construire - O homem parece aceitar como natural o lugar que a ciência lhe destina?

Guillebaud - Sim. A opinião, a mídia, as pessoas que fazem o ‘ar dos tempos’, têm a tendência de voltar-se para a ciência em busca das respostas, mesmo para as mais graves. Mas a confusão é total: não cabe aos cientistas dar todas as respostas, é a sociedade que deve dizer que ciência ela quer, definir onde está o bem e o mal e colocar estes critérios democraticamente. Sem isso, estaremos transformando a ciência em cientificismo, fazendo uma nova ideologia dogmática e ameaçadora, substituindo as ideologias totalitárias que nos ameaçaram durante o século XX.

Três revoluções simultâneas acontecem

Construire - Você define não apenas uma, mas três grandes revoluções.

Guillebaud - Estamos vivendo uma ruptura histórica tão importante quanto o fim do Império Romano. Vivemos três revoluções simultâneas, que interagem uma sobre a outra. A primeira é a revolução econômica, a mundialização, onde a economia prima sobre o humano. A segunda é a revolução informática: nossas atividades humanas migram em direção a um novo continente chamado de ciberespaço. A terceira é a revolução genética: temos, cada vez mais, a capacidade de intervir na espécie humana, de transformá-la. Como essas três revoluções interagem entre elas? Certas escolhas da genética, que deveriam ser reservadas à deliberação democrática, são decididas pelo mercado. Ou ainda, a Internet interfere em problemas ligados à biotecnologia, na medida em que permite práticas como venda de órgãos, óvulos ou esperma, etc, de maneira totalmente anárquica.

O Ser Humano está em vias de desaparecer?

Construire - Para você, todas essas revoluções parecem se combinar para o desaparecimento do ser humano.

Guillebaud - Cinco fronteiras que delimitavam o ser humano, tendem a ser abolidas. Primeiramente, a distinção homem/animal. Existe uma corrente que quer fazer do homem um animal como qualquer outro, a tal ponto que acha que poderíamos estender os direitos humanos aos grandes macacos, orangotangos, etc. Outra fronteira é entre o homem e a máquina: numerosos especialistas das ciências cognitivas, que estudam o cérebro e o fenômeno da consciência, nos dizem que não existe nada além de uma maquinaria muito complexa. A questão então que se pode colocar é: Como explicar que é mais complexo desligar toda aquela maquinaria do que um computador? Terceira fronteira: há séculos o direito romano considerava que a pessoa não poderia ser assimilada a uma coisa. Hoje, pela via da genética, assistimos, inclusive no plano jurídico, a uma coisificação do vivo, do qual alguns querem mesmo fazer patentes...

Construire - Uma querela impensável há pouco tempo...

Guillebaud - Sim! Nós vamos permitir que os geneticistas façam patentes de suas descobertas, em particular do genoma humano? E quem criar uma espécie animal nova, poderá se apropriar dela? A quarta fronteira, em vistas de ser alcançada, é considerar o corpo humano como um simples material, uma soma de seus órgãos, ignorando que ele é também o produto de sua história individual.

Construire - E a quinta fronteira?

Guillebaud - É aquela do desaparecimento da pessoa humana em benefício de uma espécie de Grande Todo. Pessoas como Joel de Rosnay ou Pierre Lévy exaltam a ascensão de um cibionte ou cérebro planetário, sendo cada um de nós uma partícula, como uma abelha em sua colméia. Neste mesmo sentido, deve-se acrescentar a influência de certas espiritualidades orientais, budistas e outras, onde o EU ocidental aparece como uma ilusão funesta e vã, um conceito do qual devemos nos desembaraçar.

Construire - Há uma exaltação disso tudo.

Guillebaud - Sim, alimentada, acentuada, excitada pela mídia, que joga com os fantasmas do público. Mas também os sábios e os laboratórios científicos estão engajados numa competição econômica sem piedade. De maneira irresponsável e cínica, ocorre uma precipitação em direção ao ouro das biotecnologias e da genética, consideradas como as indústrias mais rentáveis do amanhã. O mercado cercou a 'démarche' científica. Devemos resistir a isso.

A aterradora tentação do eugenismo

Construire - A grande tentação atual é a do eugenismo. Um 'melhoramento' do gênero humano...

Guillebaud - Lógico! Nós temos uma tendência de pensar que o eugenismo foi uma invenção dos nazistas e, tendo sido eles vencidos, já nos livramos também do eugenismo. Mas não é bem assim. Sim, os nazistas levaram o eugenismo até ao crime, eliminando os deficientes mentais, selecionando, através do programa Lebensborn, homens e mulheres para gerar dezenas de milhares de crianças arianas. Mas no início, o eugenismo não foi uma invenção dos nazistas. No século XIX, Francis Galton, primo de Darwin, foi um dos ardentes promotores do eugenismo. Essas idéias se espalharam por todo o mundo anglo-saxão. As primeiras leis eugenistas foram votadas nos Estados Unidos. A esterilização obrigatória de deficientes mentais foi votada em Indiana, no ano de 1907. A Suíça e a Escandinávia seguiram esses passos. De fato, até os anos 30, a maior parte das grandes sociedades democráticas eram eugenistas. Foi necessário se implantar o horror nazista para que se compreendesse que se tratava de um crime.

Construire - E estas idéias estão de volta?

Guillebaud - Estão voltando. Nós as encontramos até na boca de grandes cientistas. Darei um exemplo entre centenas: Francis Crick, que descobriu a estrutura helicoidal do DNA com James Watson e obteve o prêmio Nobel por sua descoberta, fez uma declaração chocante: "Nenhum recém-nascido deveria ser reconhecido humano antes de passar por um certo número de testes sobre a sua dotação genética. Se não fosse aprovado nesses testes, perderia seu direito à vida." Insano?!

Construire - Michel Houellebecq conclui o seu best-seller *As partículas elementares*, fazendo um apelo ao aperfeiçoamento genético da espécie humana. Não temos muita certeza se ele está ironizando...

Guillebaud - Não. De fato, Houellebecq, escrevendo de maneira maliciosa, mantém uma ambigüidade. O filósofo alemão Sloterdijk faz a mesma coisa, propondo a criação de um parque humano, uma domesticação do ser humano pelo ser humano. Provocação que fez muito barulho na Alemanha, o único país que não perdeu a memória sobre o assunto do eugenismo.

Não podemos aceitar tudo

Construire - Pessoas como o francês Pierre-André Taguieff, anti-racista reconhecido, julgam, porém, que não deveríamos nos privar desta possibilidade, de melhorar a espécie...

Guillebaud - Eu conheço bem Taguieff e respeito seus trabalhos, mas considero que ele vai muito longe, quando estima que não se deve sacralizar o genoma humano e que, apesar de tudo, podemos mudar algumas coisas...

Construire - Como não desejar isso, sabendo que a genética pode dar esperanças aos pais de uma criança que sofre de uma grave doença, por exemplo?

Guillebaud - Certamente ninguém aceita que se abandonem todas as pesquisas acerca das doenças genéticas, uma vez que existem promessas de terapias. Mas não podemos aceitar tudo. Estas pesquisas não podem acontecer de qualquer maneira, não se importando com as suas condições. Notadamente, não podemos aceitar a fabricação de embriões para este objetivo (de pesquisa). Eu gosto muito desta frase do filósofo Cornelius Castoriadis: "Uma sociedade humana mostra seu grau de humanidade diante de sua capacidade de se auto-eliminar".

Construire - Onde reside a autolimitação nesta questão do embrião?

Guillebaud - Uma questão imensa! As experiências com embriões humanos recolocam, por exemplo, o problema do aborto, pois, de um lado, ele é autorizado até doze semanas, aproximadamente. Por outro lado, protegemos um embrião de alguns dias, recusando que ele seja objeto de experiências. Logo, temos dois discursos, falando de aborto ou de experiências. Eis uma questão terrivelmente explosiva como muitos outros problemas que nos esperam para os anos que virão. Inevitavelmente”.

ARTIGO DA SEMANA

LA NOUVELLE ÉCONOMIE SOLIDAIRE

GADREY, Jean. La nouvelle économie solidaire, publicado no jornal francês *Libération* no dia 12/3/02.

Jean Gadrey é professor de economia da Universidade de Lille-I, autor de mais de 15 livros que tratam, predominantemente, dos serviços e dos empregos. Seu último livro é *Nouvelle économie, nouveau mythe?* Paris: Flammarion, 2000. No artigo *A nova economia solidária*, Jean Gadrey, a partir da constatação da erosão do mito da ‘nova economia’, propõe uma outra definição, “menos estupidamente tecnologista e financeira”. Ou seja, a nova economia se caracterizaria pela inovação, favorecendo a difusão de novas tecnologias, mas capaz de conciliar a expansão econômica com a performance social: baixa taxa de desemprego, qualidade decente dos empregos, das condições de trabalho e da proteção social, preservação do ambiente. O autor aponta a Dinamarca, a Finlândia, a Noruega, a Holanda e a Suécia como os excelentes candidatos para a palma de ouro da ‘nova economia durável’ tanto no plano social quanto no ambiental.

ENTREVISTA DA SEMANA

GUY HASCOËT

O século XXI será da economia solidária é o título da entrevista concedida por Guy Hascoët, ministro francês para a Economia Solidária, ao jornal francês *Libération*, em 23-2-02. Ele participou das duas edições do Fórum Social Mundial. Para G. Hascoët, “se o século XX foi o da concentração de poderes, dos sistemas piramidais, das economias centralizadas, o século XXI será o da organização de redes de territórios e de comunidades, via novas tecnologias. É aqui entra a economia solidária. É ela que estrutura as alternativas”. Ainda, segundo o ministro, “de três bilhões de assalariados no

mundo, 800 milhões trabalham em setores da economia solidária”. A tradução portuguesa da entrevista está disponível na secretaria do IHU.

Comunicações da Coordenação

Assembléia Geral da CPT

Inácio Neutzling, coordenador do Instituto Humanitas Unisinos, de 18 a 21 de março, assessorou a 15ª Assembléia Nacional da Comissão Pastoral da Terra - CPT – que se realizou em Goiânia/GO.

Escola de Formação Política

Nos dias 22 a 24 de março, o coordenador do IHU assessorou, em Curitiba, PR, a primeira etapa da 7ª Escola de Formação Política do Paraná. A Escola é uma iniciativa do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT- com sede em Curitiba, e da CNBB Regional Sul 2 – PR. A Escola funciona em seis etapas por ano. Ela iniciou em 1996 e se destina, prioritariamente, para pessoas que ocupam postos nos executivos e legislativos municipais, nas direções partidárias e nos movimentos sociais.

Visita do DCE

No dia 21 de março, integrantes do DCE UNISINOS visitaram o IHU com a finalidade de conhecer o Instituto e verificar as possibilidades de trabalhos em conjunto. Os estudantes Cláudia Regina Freitag, Fabrício da Silva, Eduardo Dutra Fagundes e Rodrigo Marini Maroni, foram recebidos pela Coordenadora-adjunta Vera Regina Schmitz e pelo Coordenador do Setor 1, Prof. Laurício Neumann.

Extensão

Desde o dia 18 de março, Rosa Maria Bavaresco, do IHU, é a pessoa do Centro de Ciências Humanas que terá a função de mediação e fomento da Extensão no Centro 1, em articulação com a equipe da PROCEX, Substitui, nesta função, a Profª. Vera Schmitz.



O entrevistado relâmpago desta edição é...

Laurício Neumann

Laurício Neumann é natural de São Paulo das Missões e mora em São Leopoldo há cinco anos. Ele é Coordenador do Setor 1 Ética, Cultura e Cidadania do IHU. Licenciado em Filosofia e Mestre em Educação pela PUCRS, atualmente Laurício é doutorando no PPG de Educação da UNISINOS.

Seminarista : Aos 11 anos, entrei no seminário da Diocese de Santo Ângelo.

“Jornalista”: Em 1960, estando no Seminário de Viamão, junto com outros seminaristas, fundamos o jornal *Mundo Jovem* com o objetivo de criar um espaço para discutir os problemas dos jovens, inclusive seus problemas políticos. Em 71, o jornal já tinha começado a chamar a atenção pela seu posicionamento crítico e pela quantidade de público que atingia, mas não era possível continuar com ele. Desde 70, eu comecei a sofrer perseguição política e, em 71, fomos obrigados a tirar o jornal do Seminário de Viamão. Não tínhamos como financiá-lo e nos ofereceram três possibilidades: que fosse um encarte do Zero Hora, que pertencesse ao Regional Sul 3 da CNBB ou que fosse um jornal da Faculdade de Teologia da PUCRS. Escolhemos a terceira, e eu e outro colega fomos com o jornal para a PUCRS e continuamos trabalhando.

Professor: Em 1976, o Pe. Egídio Schmitz era meu professor no mestrado, na PUCRS e ele me convidou para trabalhar na UNISINOS.

A família: Em 1974, casei. Tenho três filhas: Fabíola, hoje com 23 anos, formada em Educação Física; Anelise, 17, está estudando Fisioterapia na UNISINOS ; e Gabriela, 15.

No lar: Honestidade, coerência, respeito e diálogo. Muita liberdade, porque a responsabilidade é que impõe limites. Por isso não preciso, nem nunca precisei, fazer cobranças: Onde tu vais? Quando tu voltas? Desde pequeninas, elas sabem o que podem e o que não podem, e nunca recebi reclamações.

Momentos felizes: Meu casamento foi um momento muito feliz. Eu me dediquei muito, embora depois não tenha dado certo. Outros momentos felizes foram os nascimentos das minhas filhas. Um terceiro, a experiência de uma nova convivência.

Autores e livros que marcaram: De Alain Touraine: *Crítica da Modernidade e O que é democracia?* De Paulo Freire: *Pedagogia da autonomia*. De Leonardo Boff: *América Latina, da conquista à nova evangelização*.

Ética: Pensar certo para fazer certo.

UNISINOS: Um espaço democrático, que aceita ousadamente o pluralismo ideológico e propõe-se, na sua missão, a formar integralmente todos e todas.

IHU: A mais recente ousadia da UNISINOS, no sentido de consolidar, em todos os cursos, setores e ações, a proposta de formação humanística de orientação cristã.

Setor de Ética, Cultura e Cidadania: Alimentar a utopia de que a formação humanística de orientação cristã deve perpassar o curso como um todo e não limitar-se a cinco disciplinas, como também estender-se a todos os professores, gestores e funcionários da casa.

Nas horas livres: Curtir a família e os amigos. Dançar muito. Ouvir música clássica e popular alemã.

Um presente: Flores. Gosto de dar e receber flores, porque gosto de terra, horta e pomar.

Um sonho: Meu grande sonho é ver este País tomando os rumos de um outro modelo de organização da sociedade.